



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO INCLUSIVA EM CONTEXTOS ESCOLARES**

**A EDUCAÇÃO INCLUSIVA NA PERSPECTIVA DE PROFESSORES E
GESTORES: ENTRAVES E SOLUÇÕES**

Elicélia C. de Paula Paiva
Nº de Matrícula: 112790010A
Polo: Bicas

Juiz de Fora
2019

ELICÉLIA C. DE PAULA PAIVA
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
PROJETO DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA

A EDUCAÇÃO INCLUSIVA NA PERSPECTIVA DE PROFESSORES E
GESTORES: ENTRAVES E SOLUÇÕES

Trabalho de conclusão apresentado ao Curso de Especialização em Educação Inclusiva em contextos escolares, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial a obtenção do título de Especialista.

Orientador (a): Prof.^a Dr.^a Elita Betania de Andrade
Martins

Juiz de Fora
2019

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Paiva, Elicélia Cacilda de Paula.

A educação inclusiva na perspectiva de professores e gestores : entraves e soluções / Elicélia Cacilda de Paula Paiva. -- 2019.

36 f.

Orientadora: Elita Betania de Andrade Martins

Trabalho de Conclusão de Curso (especialização) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Educação. Especialização em Educação Inclusiva em Contextos Escolares, 2019.

1. Educação inclusiva. 2. Desafios. 3. Profissionais. I. Martins, Elita Betania de Andrade, orient. II. Título.

ELICÉLIA C. DE PAULA PAIVA

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
PROJETO DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA

Trabalho de conclusão apresentado ao Curso de Especialização em Educação Inclusiva em contextos escolares, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial a obtenção do título de Especialista.

Aprovado em: _____

BANCA EXAMINADORA

Professora Dr.^a Elita Betania de Andrade Martins

Professora Dr.^a Juliana Célia de Oliveira

Professor Dr. Thenner Freitas da Cunha

Juiz de Fora
2019

AGRADECIMENTOS

À Deus, pelas oportunidades que coloca em meu caminho e por ser presença constante em minha vida;

À minha família e meu noivo. Vocês são suporte nos momentos de minhas incertezas, e esteio na minha exaustão. Sem vocês, não conseguiria vencer mais esta etapa;

Aos meus colegas de trabalho e amigos, por acreditarem em meu potencial e compreenderem meus momentos de ausência;

À minha prima e amiga, Maria Claudia, por ser tão presente e estar sempre incentivando cada passo, me estimulando a crescer cada dia mais, como pessoa e profissional.

RESUMO

O presente texto relata um projeto de intervenção que teve como objetivo refletir sobre o papel da gestão enquanto elemento de apoio ao trabalho do docente que atua junto ao aluno com deficiência, dentro de uma proposta de educação inclusiva. O projeto foi realizado junto aos professores e gestores de escolas da rede municipal e estadual de um município de pequeno porte, da zona da mata mineira, os quais expuseram os desafios vividos por eles em relação a inclusão. Associada à intervenção, está uma revisão bibliográfica onde o fio condutor foi o referencial teórico que norteia a educação inclusiva e o papel de professores e gestores frente aos desafios necessários a construção de uma escola para todos. Com base em autores como Carvalho, Mantoan e Tezani, este estudo trouxe à tona a importância de se discutir os desafios presentes na escola inclusiva, ponderando sobre o gestor enquanto articulador das ações desenvolvidas por diferentes agentes educativos. Os resultados indicaram a necessidade de uma reflexão contínua em torno da ação docente e do importante papel do gestor escolar na elucidação dos desafios, papel este fundamentado na democracia e no respeito às diferenças, bem como da responsabilidade de cada um dos agentes (escola, família e comunidade) na concretização de uma escola para todos.

Palavras-chave: Educação Inclusiva; desafios; profissionais.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	7
2. IDENTIFICAÇÃO DA SITUAÇÃO PROBLEMA/QUESTÃO	9
3. A IMPORTÂNCIA DESTE ESTUDO	12
4. A PROPOSTA DE INTERVENÇÃO	14
5. O QUE AS FALAS DOS PARTICIPANTES INDICARAM?	17
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	25
7. REFERÊNCIAS	28
ANEXO.....	36

1. INTRODUÇÃO

O sistema educacional brasileiro tem passado por grandes transformações ao longo dos anos, principalmente no que tange à inclusão, cujo foco é o respeito à diferença e a aprendizagem de todos. Refletir sobre este sistema nos desafia na construção de novas práticas educacionais e na mudança de paradigma nas instituições de ensino.

Entretanto, devemos destacar que a construção destas trazem implicações tanto no que se refere ao trabalho do professor, à sua formação, à escola enquanto instituição física e social, como também na aceitação de alunos, professores e comunidade.

Glat e Blanco (2007, p.20) enfatizam que a Educação Inclusiva significa um novo modelo de escola, em que todos os alunos têm direito ao acesso e permanência, e os organismos de seleção e discriminação são supridos por procedimentos de identificação e remoção de obstáculos para a aprendizagem.

Para tornar-se inclusiva a escola precisa formar seus professores e equipe de gestão, e rever as formas de interação vigentes entre todos os segmentos que a compõem e que nela interferem. Precisa-se realimentar sua estrutura, seu projeto político pedagógico, seus recursos didáticos, metodologias e estratégias de ensino, bem como suas práticas avaliativas. Para acolher a todos os alunos, a escola precisa, sobretudo, transformar suas intenções e escolhas curriculares, oferecendo um ensino diferenciado que favoreça o desenvolvimento e a inclusão social. (GLAT e BLANCO, 2007, p.20)

Por isso é importante que todos os agentes educacionais (gestores, professores, pais, alunos e a comunidade como um todo) caminhem numa mesma direção, de reconhecimento e respeito às diferenças, buscando desenvolver a autonomia destes indivíduos e uma formação cidadã, que permita aos mesmos serem atuantes no processo educativo dentro e fora da escola. Como afirma Mantoan (2003, p.38) “o sucesso da aprendizagem está em explorar talentos, atualizar possibilidades, desenvolver predisposições naturais de cada aluno”.

Tal fato se torna ainda mais importante quando consideramos a escola como locus privilegiado da educação e que proporciona (oferece) um crédito de confiança na competência técnica e política dos profissionais que nela atuam (NEVES, 1998).

O papel da escola em uma educação inclusiva é destacado na legislação vigente. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), nº 9394/96, em seus artigos 58 e 59, define Educação Especial e estabelece que esta deva ser oferecida preferencialmente na rede regular de

ensino e ainda assegurando currículos, métodos, técnicas, recursos educativos e organização específica.

Outros documentos normativos, como a Resolução CNE/CEB nº 02/2001, que institui as Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica, enfatizam os elementos necessários para que a escola torne-se inclusiva. Entretanto é necessário compreender que “nem escolas, nem profissionais estão preparados e comprometidos com tal proposta, gerando problemas para sua implementação no cotidiano escolar, principalmente no caso das escolas públicas” (TEZANI, 2010, p.289).

Falar em inclusão escolar vai muito além do que garantir a matrícula ou “colocar” o aluno na sala de aula. Este deve estar de fato acolhido na dinâmica escolar e deve ser valorizado e reconhecido nas suas especificidades por cada envolvido no processo educativo.

(...) a Educação Inclusiva não se resume à matrícula do aluno com deficiência na turma comum ou à sua presença na escola. Uma escola ou turma considerada inclusiva, precisa ser, mais do que um espaço para convivência, um ambiente onde ele aprenda os conteúdos socialmente valorizados para todos os alunos da mesma faixa etária. O objetivo desta proposta é a possibilidade de ingresso e permanência do aluno na escola com sucesso acadêmico, e isso só poderá se dar a partir da atenção às suas peculiaridades de aprendizagem e desenvolvimento. (GLAT e BLANCO, 2007, p.21-22)

Mantoan e Pietro (2006) sublinham a importância de se reconhecer todas as diferenças possíveis do âmbito humano, e desenvolver ações neste sentido, baseadas na igualdade e no respeito às diferenças.

Foi a partir dessa ideia de reconhecimento e respeito à diversidade humana que o presente projeto foi desenvolvido, refletindo e discutindo o processo de inclusão dentro e fora da escola e os desafios enfrentados por diferentes segmentos da comunidade escolar para que o discente participe ativamente da construção do conhecimento e tenha aprimorada sua autonomia, para tornar-se um agente de transformação do meio onde está inserido.

Este estudo foi elaborado partindo da situação-problema apresentada no primeiro capítulo, fundamentada nos desafios enfrentados por professores e gestores em relação à Educação Inclusiva. Condição esta, ponderada no capítulo seguinte com base em diversos referenciais teóricos, que subsidiaram a reflexão sobre o tema. O terceiro capítulo destaca a importância do projeto desenvolvido, que é detalhado no capítulo quatro. No capítulo seguinte, apresentamos algumas discussões sobre as falas dos professores em relação ao tema, a partir do projeto

desenvolvido e por fim, estão as considerações que trazem à tona a importância do papel de docentes e gestores frente a uma escola inclusiva.

2. IDENTIFICAÇÃO DA SITUAÇÃO PROBLEMA/QUESTÃO

O presente projeto buscou levantar algumas informações sobre o processo de Educação Inclusiva nas escolas públicas de um pequeno município da zona da mata mineira, a partir da questão: Quais os principais desafios enfrentados por professores e gestores destas escolas, bem como as possíveis ações que estimulem a autonomia e a superação destas limitações?

Foi a partir de minha experiência profissional, tanto como professora de apoio quanto como Supervisora Pedagógica, e da reflexão acerca da dinâmica escolar no que se refere à inclusão, bem como da percepção da realidade vivenciada por educadores e gestores destas escolas, que surgiu a necessidade de se discutir tal situação, não no intuito de apontar erros ou acertos, mas sim contribuir para que a Educação Inclusiva seja de fato vivida e sentida nestas instituições.

O principal fator que despertou o interesse em realizar este estudo e buscar soluções junto a docentes e gestores foi o fato de, ao me tornar professora de apoio, sentir a insegurança demonstrada pelos professores regentes ao receberem um aluno com deficiência, principalmente com a presença do professor de apoio em sala de aula, que muitas vezes, ao invés de configurar como elemento de suporte ao trabalho docente é visto com receio, como um sujeito “estranho” ao ambiente da turma e que pode fazer julgamentos prévios quanto à sua prática, fato este que se agrava diante do despreparo da escola como um todo para acolher tal público.

Enquanto Especialista da Educação Básica (EEB), atuando como Supervisora Pedagógica na Escola Estadual Paulo Freire¹, sempre busquei desenvolver junto aos professores ações que favorecessem a segurança dos mesmos para desenvolverem práticas inclusivas junto aos alunos com deficiência, porém ciente dos desafios existentes dentro da sala de aula.

¹ Atribuímos nomes fictícios a todas as escolas aqui citadas.

Contudo, foi a partir do trabalho como professora de apoio, realizado com um aluno de 7 anos, com deficiência física e intelectual, na Escola Municipal Anísio Teixeira, que passei a refletir de fato sobre uma prática educativa emancipadora.

O trabalho realizado com este discente buscou proporcionar uma maior autonomia dentro e fora da escola, bem como uma aprendizagem mais próxima de sua realidade e baseada numa relação de respeito, afeto e interação entre alunos, professores, gestores e demais membros da comunidade escolar. E isso foi um grande desafio!

Tal experiência se deu no município no qual trabalho, localizado na zona da mata mineira, com menos de 2 mil habitantes, cuja realidade da educação é um pouco diferente do que vemos em muitas das escolas públicas.

A Escola Municipal Anísio Teixeira e a Escola Estadual Paulo Freire dividem a mesma estrutura física. Há ainda, a Escola Municipal Darcy Ribeiro, situada na zona rural, mas que depende diretamente da escola localizada na zona urbana, ou seja, é administrativamente dependente por ser uma extensão da sede, e os profissionais que nelas atuam acabam interagindo com todos os segmentos, independente da esfera, inclusive alguns deles trabalham em ambas as redes de ensino, como no meu caso.

Atuo como Especialista da Educação Básica na Supervisão Pedagógica da Escola Estadual Paulo Freire há 6 anos, e como professora de apoio na Escola Municipal Anísio Teixeira há pouco mais de um ano. Foi a partir destas diferentes experiências que senti a necessidade de mapear os desafios enfrentados pelos diferentes agentes educacionais, uma vez que, apesar de ser muito discutida dentro das instituições sociais, a Educação Inclusiva é relativamente recente em municípios pequenos como este.

Ao realizar este estudo, envolvendo profissionais das três escolas, poderemos refletir e discutir as possíveis ações para que a realidade da Educação Inclusiva no município se fortaleça, e possamos atender da melhor maneira possível os alunos destas instituições.

Vale ponderar que todos os discentes deste município, inclusive aqueles com deficiência ou altas habilidades, em sua grande maioria, foram ou serão atendidos tanto pela escola municipal, quanto pela escola estadual, por isso é fundamental que este estudo aconteça em ambas as redes de ensino.

Portanto, o desempenho de diferentes funções neste município e a interação constante com os agentes das instituições de ensino nele existentes, despertaram em mim a necessidade deste

estudo, como também a imprescindível interlocução entre professores e gestores, uma vez que todos carregam muitas dúvidas, anseios, inseguranças e experiências a serem compartilhadas.

Tal fato serviu também como válvula impulsionadora na busca de novos conhecimentos e vivências na área da Educação Inclusiva, que vão ao encontro do objetivo deste projeto e desta Especialização.

Para encontrar subsídios para tal reflexão, e cursando a Especialização em Educação Inclusiva nos Contextos Escolares, busquei relacionar a realidade vivenciada pelas escolas em questão com o que foi estudado e analisado até o presente momento.

A partir daí é que eclodiu a ânsia em expor os desafios enfrentados dentro das instituições escolares no que tange a educação inclusiva e discutir como gestores e educadores podem superá-los. Segundo Prieto apud Tezani (2009, p.4), “a troca de informações profissionais é imprescindível à melhoria da qualidade educacional, assim, a ação pedagógica refletida, individual ou coletivamente, possibilita a articulação e construção de uma nova prática”.

Ainda segundo os autores, é esta prática que estimula a autonomia dos discentes, possibilitando uma maior interação com o meio onde estão inseridos.

É muito importante que consideremos a escola não apenas como instituição que fomenta saberes, mas que também promove ações emancipadoras, que apresente aos seus alunos um mundo de relações que podem ser estabelecidas entre todos, independentemente de suas deficiências, limitações, crenças, etc. A escola é para todos, sendo um engano julgar que o modelo da inclusão se destina, exclusivamente, ao alunado da educação especial (Carvalho, 2008, p.98).

Para isso, definimos como objetivo geral refletir sobre o papel da gestão enquanto elemento de apoio ao trabalho do docente que atua junto a um aluno com deficiência, dentro de uma proposta de educação inclusiva.

Este objetivo geral, desdobrou-se nos seguintes objetivos específicos:

a) Conhecer como ocorre o processo de inclusão de alunos com deficiência nas escolas públicas de um município de pequeno porte.

b) Reconhecer os principais desafios identificados pelos docentes como dificultadores para o trabalho de inclusão de alunos com deficiências.

c) Identificar elementos inclusivos presentes no trabalho do gestor em escolas que atendem alunos com deficiência.

3. A IMPORTÂNCIA DESTE ESTUDO

Dados estatísticos recentes indicam um crescente atendimento das crianças e jovens com deficiência nas escolas regulares, o que tem criado alguns desafios pautados tanto na prática pedagógica, quanto no relacionamento entre os próprios alunos e até mesmo no trabalho da gestão.

De acordo com Censo Escolar (2018), o número de matrículas da educação especial aumentou 33,2% em relação a 2014, chegando a 1,2 milhão em 2018. Ao considerarmos apenas os alunos de 4 a 17 anos da educação especial, verifica-se que o percentual de matrículas de alunos incluídos em classes comuns também vem aumentando gradativamente, passando de 87,1% em 2014 para 92,1% em 2018.

Diante desta realidade, os gestores dos órgãos centrais e da escola passam a ter a responsabilidade de desenvolver ações para prover uma escola que atenda a todos os alunos, sem nenhum tipo de exclusão, e com o compromisso de envolver a comunidade escolar na construção de um espaço de transformação e formação cidadã, fomentado através da reestruturação do Projeto Político Pedagógico e das ações nele previstas, baseadas em uma gestão democrática que vise uma escola efetivamente inclusiva.

Para isso, é importante que o gestor auxilie os docentes para que possam adaptar o planejamento e os procedimentos de ensino, cujo foco de seu trabalho esteja também nas características dos discentes, possibilitando que os mesmos construam seu conhecimento e atribuam significado ao que é aprendido.

Compete ressaltar que todos os agentes possuem um papel importante na consolidação da inclusão no ambiente escolar. SANT'ANA (apud Tezani, 2009, p.3) enfatiza que “docentes, diretores e funcionários apresentam papéis específicos, mas precisam agir coletivamente para que a inclusão escolar aconteça”.

Contudo, ao considerarmos que esta é uma tarefa assinalada por múltiplos obstáculos, historicamente existentes, nas instituições de ensino, o gestor escolar é uma peça fundamental deste processo, devido à liderança que exerce e a estabilidade que pode trazer ao sistema.

O diretor deve ser o principal revigorador do comportamento do professor que demonstra pensamentos e ações cooperativas a serviço da inclusão. É comum que os professores temam inovação e assumam riscos que sejam encarados de forma negativa e com desconfiança pelos pares que estão aferrados aos modelos tradicionais. O diretor é de

fundamental importância na superação dessas barreiras previsíveis e pode fazê-lo através de palavras e ações adequadas que reforçam o apoio aos professores. (SAGE, 1999, p. 138 apud TEZANI, 2009, p.1)

Desta forma, a equipe gestora associada ao corpo docente, pais e comunidade poderá promover o acolhimento e a conscientização de todos os envolvidos nesta ação, com propostas destinadas à inclusão, formação cidadã e à construção da autonomia dos alunos envolvidos num processo educacional. Segundo Beyer,

O desafio é construir e pôr em prática no ambiente escolar uma pedagogia que consiga ser comum ou válida para todos os alunos da classe escolar, porém capaz de atender os alunos cujas situações pessoais e características de aprendizagem requeiram uma pedagogia diferenciada. Tudo isto sem demarcações, preconceitos ou atitudes alimentadoras dos indesejáveis estigmas. Ao contrário, pondo em andamento na comunidade escolar, uma conscientização crescente acerca dos direitos de cada um. (BEYER, 2006, p.76)

Foi nesta perspectiva que o tema do presente trabalho se desenvolveu, com o foco de compreender como a escola e seus agentes podem desenvolver práticas inclusivas que promovam a autonomia e inserção dos alunos com deficiências, transtornos e altas habilidades, na comunidade, superando os desafios, respeitando e valorizando a individualidade e especificidades de cada educando.

Por este motivo, o objeto deste estudo possui significativa importância quando se fala em educação inclusiva. De nada adianta o aluno estar dentro da escola, apenas integrado, mas não incluído.

Inclusão vai muito além de simplesmente estar na escola. Ela é a possibilidade de transformação na vida dos envolvidos, valorizando as potencialidades, respeitando suas diferenças, explorando talentos e oferecendo oportunidades de crescimento pessoal e social diante do mundo.

Carvalho (2008, p.102) afirma que “a proposta de educação inclusiva tem provocado uma verdadeira crise de identidade na escola, levando-a a ressignificar seu papel, suas crenças, políticas e práticas pedagógicas”, fato este que tem acarretado aos docentes uma grande insegurança quanto às ações que desenvolvem em sala de aula. Como Supervisora Educacional é que acreditamos no papel do gestor para auxiliar os docentes a superarem esta insegurança.

O papel do diretor em provocar as mudanças necessárias do sistema em cada nível - o setor escolar central, a escola e cada turma - é essencialmente um papel de facilitação. A mudança não pode ser legislada ou obrigada a existir. O medo da mudança não pode ser ignorado. O diretor pode ajudar os outros a encararem o medo, encorajar as tentativas de novos comportamentos e reforçar os esforços rumo ao objetivo da inclusão. (SAGE apud TEZANI, 2009, p.3).

Por isso, este trabalho buscou possibilitar aos docentes, momentos de reflexão acerca dos desafios que enfrentam diariamente no ambiente escolar, e também conhecer a opinião dos gestores quanto a possíveis entraves, indicados pelos docentes, uma vez que são “os responsáveis por abrirem espaços e promoverem trocas de experiências importantes”, baseadas nos princípios de gestão democrática e participativa. (Tezani, 2009, p.3)

Além disso,

A operacionalização da inclusão de qualquer aluno no espaço escolar deve resultar de relações dialógicas, envolvendo família, escola e comunidade, de modo que cada escola ressignifique o significado das diferenças individuais, bem como reexamine sua prática pedagógica. (CARVALHO, 2008, p.100)

São diversos os aspectos que podem e devem ser avaliados para que tornemos nossas escolas de fato inclusivas, tanto para discentes, quanto para docentes e gestores, compartilhando esta responsabilidade com a primeira e mais importante instituição social do aluno, a família.

Tais ponderações corroboram com a importância do desenvolvimento de novas práticas que transformem efetivamente a escola em um ambiente que atenda a todos. Espaço este livre da discriminação e que permita a participação efetiva dos alunos no âmbito escolar e na comunidade, independentemente de suas limitações, contribuindo de fato para a ampliação de uma sociedade inclusiva, que permita a formação e o exercício da cidadania.

4. A PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

Para facilitar a compreensão do leitor sobre as estratégias adotadas no presente projeto é importante, trazer algumas informações que ajudem a caracterizar a realidade das escolas, nas quais atuam os professores envolvidos neste estudo.

A Escola Municipal Anísio Teixeira, associada à Escola Municipal Darcy Ribeiro, na zona rural, possuem aproximadamente 300 alunos matriculados desde a Educação Infantil até o Ensino Fundamental e Educação de Jovens e Adultos (EJA), cuja parte significativa do público atendido é proveniente da zona rural. Por se tratar de uma escola de pequeno porte, a relação entre a instituição escolar e comunidade é muito forte e o diálogo é constante.

O prédio da Escola Municipal Anísio Teixeira, localizada na zona urbana, é compartilhado com a Escola Estadual Paulo Freire, que atende cerca de 95 alunos do Ensino Médio e Educação de Jovens e Adultos (EJA). Contudo, ambas possuem uma boa coabitação, não apenas física como também de relacionamento entre alunos, pais, professores e gestores.

A intervenção fundamentou-se em discussões com professores e gestores, agentes da comunidade escolar que fazem parte do processo de inclusão e os quais, muitas vezes vivenciam diariamente os entraves discutidos ao longo deste estudo.

O ponto inicial da intervenção foi o contato realizado com os gestores de ambas as escolas, apresentando a proposta de trabalho e o objetivo de concretizar esta atividade junto aos docentes.

O momento posterior foi dedicado à preparação da dinâmica que seria desenvolvida com os professores, e à elaboração do questionário que teve como finalidade identificar o perfil dos participantes de cada rede de ensino.

As discussões acerca do tema proposto aconteceram nas reuniões realizadas periodicamente nas escolas, tanto estadual quanto municipal, de acordo com o cronograma elaborado pelos gestores. Pelo fato das reuniões das escolas serem organizadas por segmento de ensino, foi necessário realizar a atividade que propomos em 3 momentos, um para cada segmento.

No dia 26 de março de 2019, foram realizadas as intervenções com os professores da rede municipal, sendo que, em um primeiro momento (de 12:00 h às 13:00 h) participaram os professores que atuam na Educação Infantil, Ensino Fundamental 1 e EJA 1, das Escolas Municipal Darcy Ribeiro e Anísio Teixeira, totalizando 26 professores. É com este grupo de docentes que atuo efetivamente no exercício da docência, uma vez que o aluno ao qual ofereço apoio frequenta o 3º ano do Ensino Fundamental.

Apesar de termos um contato mais próximo, muitos docentes demonstraram insegurança em responder o questionário e participar da dinâmica. Fato justificado por eles, pois poucos destes professores possuem alunos com deficiência em sala de aula, sendo assim uma parcela considerável que não vive a inclusão na prática e ainda não vislumbrou a possibilidade de concreta de um dia, estarem atuando com alunos que apresentem essas características.

Em um segundo momento (de 18:00 h às 19:00 h) foram realizadas as intervenções com os professores do Ensino Fundamental 2 e EJA 2, também da Escola Municipal Anísio Teixeira. Neste segmento, obtive a participação de 89% dos docentes, ou seja, 23 professores

regentes, que demonstraram certo receio em responder o questionário e participar das discussões. Contudo, após uma descrição mais clara do projeto, sentiram-se mais seguros em expor suas opiniões, fato este que fez com que as discussões durassem aproximadamente 1 hora.

Fato semelhante ocorreu com os docentes do Ensino Médio e EJA da Escola Estadual Paulo Freire, no dia 28 de março de 2019. Nesta data, 100% dos professores regentes estavam presentes na reunião, ou seja, 13 professores, que também demonstraram estar receosos de como seriam compreendidas suas manifestações e opiniões ao que tange a Educação Inclusiva na instituição de ensino na qual atuam. Após conversa de esclarecimento, a resistência diminuiu e a atividade durou cerca de 1 h 30 min, iniciando às 18:30 h com encerramento próximo às 20 horas.

Em ambos os dias, as intervenções ocorreram de forma análoga. Para iniciar, foi exposto aos presentes o objetivo do encontro, o que seria apresentado e discutido naquele momento. Em seguida, solicitado a todos que respondessem um questionário (Apêndice 1), sem qualquer identificação, com a finalidade de elaboração de um perfil dos participantes.

Para a realização das intervenções utilizei recursos simples, cedidos pelas escolas, dentre eles: folhas xerocadas com o questionário e o texto para a dinâmica, folhas A4 em branco e canetas.

Posteriormente, os professores foram orientados a se organizarem em pequenos grupos, para que pudessem participar de uma dinâmica “O que vejo pela janela” (Anexo). Esta consistiu em apresentar a todos um texto de Cecília Meirelles “A arte de ser feliz”, no qual a autora relata o que via pela janela em determinados momentos de sua vida.

Nessa perspectiva, e fazendo alusão ao texto, os integrantes dos grupos foram orientados a refletirem e discutirem entre si o que “viam pelas janelas quando olhavam para as salas de aula da escola onde atuam, consideradas inclusivas” (Apêndice 2) e descrevessem os desafios enfrentados para atender um aluno com deficiência, assim como possíveis soluções ligadas aos docentes, à gestão e/ou a outros envolvidos.

As dificuldades por eles apresentadas foram elencadas em um quadro por grupo, onde puderam, a partir de uma discussão coletiva, também propor ações para sanar ou amenizar os entraves sentidos por eles, e indicar de possíveis ações e agentes responsáveis pela resolução do problema.

Após a sistematização dos dados fornecidos pelos docentes (Apêndice 3), compilados por redes de ensino, tais resultados foram apresentados aos gestores de cada escola para que estes

pudessem refletir também sobre seu papel na busca por uma escola inclusiva, voltada as reais necessidades dos alunos, e pautada numa gestão colaborativa ao trabalho docente.

A seguir, apresento algumas reflexões sobre os dados obtidos.

5. O QUE AS FALAS DOS PARTICIPANTES INDICARAM?

Nas duas redes de ensino, observei uma clara preocupação em se discutir de fato as dificuldades, pois esses entraves existem independente da turma, do docente, da escola. Notei ainda alguns professores muito tensos por temerem ser julgados ou sofrerem sanções por suas respostas. Com os docentes da escola estadual essa tensão foi menor, embora ainda presente em alguns olhares.

Essa menor tensão se justifica, pois no exercício da função de Supervisora Pedagógica, e com base nos conhecimentos relacionados à Educação Inclusiva adquiridos até o momento, venho desenvolvendo um trabalho mais direcionado com estes docentes, fornecendo a eles orientação, suporte e auxílio no trabalho com os alunos da Educação Especial. Então, a fase do espanto e da estranheza foi superada. Já na rede municipal, atuo há muito pouco tempo quando comparado aos demais colegas, os quais percebo, muitas vezes, receosos com ações que possam tirá-los da “zona de conforto”, criada pelos anos de experiência a que estão submetidos. Além disso, há também, o medo de serem julgados em relação ao trabalho que desenvolvem.

Dentre os pontos abordados no questionário, merecem destaque o tempo de atuação dos docentes em cada escola. Na rede municipal, predominam professores que lecionam há mais de 10 anos na escola (71%), 12% estão na escola de 5 a 10 anos e 17% atuam na escola a menos de 5 anos.

Já na rede estadual, 77% dos professores atuam há 5 anos ou menos na instituição, e 23% de 5 a 10 anos. Fato este justificado pelo desligamento de muitos docentes da Lei 100, e pelas nomeações realizadas pelo governo de Minas Gerais através dos concursos públicos de 2011 e 2014.

Outro fator que chama bastante atenção é a formação docente. Na rede municipal, 52% dos professores possuem alguma formação ligada à Educação Especial, ou estão cursando e 48%

não possui nenhuma formação nesta área. Já na rede estadual, o percentual de professores com alguma formação na área, em curso ou concluída, representa 46%. E 54% não possui nenhum curso relacionado à Educação Inclusiva. Ou seja, as escolas estão com perfis profissionais muito semelhantes, uma vez que a diferença percentual é mínima.

No entanto, é alarmante considerarmos o índice de docentes sem nenhum tipo de formação relacionada à área deste estudo, pois, com o crescente uso da tecnologia, muitas destas capacitações podem ser realizadas em casa, ou até mesmo na escola durante os momentos de cumprimento de carga horária, que na maioria das vezes são preenchidos por excesso de aulas, ou outras atividades. Por isso, é fundamental a presença de um gestor participativo e envolvido com as necessidades do corpo docente, e que receba suporte do poder público para oferecer tais capacitações, fundamentais à formação do professor.

O questionário ainda indicou que nas escolas municipais, 79% dos professores sentem-se pouco e 21% nada preparados para atuarem com alunos com deficiência. Enquanto que na escola estadual 62% sentem-se pouco preparados, 23% nada preparados e, apenas, 15% sentem-se preparados.

Sobre mudanças em suas práticas, 75% dos professores assumem que às vezes desenvolvem práticas inclusivas em sala de aula na rede municipal, e 8% nunca o fizeram e apenas 17% sempre o fazem. Na escola estadual, os dados foram um pouco diferentes, pois 46% relatam às vezes desenvolverem práticas inclusivas, e 15% nunca realizaram nenhuma. Porém, 39% dos docentes estão sempre realizando atividades inclusivas em suas aulas, o que pode sinalizar uma preocupação com uma escola mais inclusiva.

Em relação à avaliação que os docentes fazem do Atendimento Educacional Especializado (AEE) nas escolas em que lecionam, 76% dos profissionais que atuam na rede estadual consideram o AEE muito eficiente e 24% pouco eficiente. Na rede municipal, 67% dos participantes consideram muito eficiente e 33% pouco eficiente.

Quando esta avaliação passa a ser global, envolvendo toda a escola (profissionais, recursos, estrutura física, e outros elementos), com foco atendimento ao aluno com deficiência, 8% dos docentes da rede municipal avaliam como excelente; 67% consideram bom; e 25% razoável. Considerando a avaliação feita pelos docentes da rede estadual, 24% avaliam como excelente e 76% como bom. Neste caso, o razoável não apareceu.

Tais dados ratificam o pensamento de Tezani (2009), já citado ao longo deste estudo, quando afirma o despreparo de professores e gestores em relação à Educação Inclusiva. O novo contexto educacional exige que a escola esteja preparada para a inclusão do aluno com deficiência, mas na prática ainda há uma grande dificuldade e insegurança, independentemente de possuir ou não formação na área e tempo de atuação na escola. Contudo, esta realidade vem se transformando a passos lentos, como ocorre na rede estadual, justificável tanto pelo novo perfil docente, quanto pelo apoio pedagógico existente e que consegue ser mais direcionado, devido ao pequeno porte da escola.

Quanto às informações obtidas durante a realização da dinâmica, onde os docentes organizaram-se em grupos para discutirem as principais dificuldades enfrentadas em relação à Educação Inclusiva. Para tabulação, foram consideradas as respostas que indicadas em pelo menos 2 grupos em cada rede, considerando que no total foram formados 8 grupos na rede municipal e 5 grupos na rede estadual.

Em ambas as escolas, a questão da adaptação dos conteúdos, atividades e materiais foi citada. Na rede municipal, este obstáculo foi citado 8 vezes, ou seja em 100% dos grupos. Entre os professores da rede estadual, a dificuldade na adaptação foi citada 4 vezes. Outra dificuldade apresentada pelos docentes da Educação Infantil e Ensino Fundamental, da rede municipal, foi a falta de apoio pedagógico, citada em 3 dos 8 grupos. Este obstáculo, por sua vez, não foi mencionado entre os docentes da escola estadual.

Tais resultados são fruto das diferentes realidades no setor pedagógico das escolas estadual e municipal. A primeira, na qual atuo como Supervisora Pedagógica também já possuiu esta lacuna no que se refere o apoio pedagógico. Contudo, após minha nomeação neste cargo venho buscando desenvolver um trabalho mais direcionado de orientação e apoio aos docentes nesta área, o que reflete também no fato da adaptação de conteúdos não ter aparecido em todos os grupos como uma dificuldade, uma vez que alguns professores estão na escola a um período maior que os demais e já foram, e continuam, sendo norteados no sentido da adequação curricular.

Quanto à rede municipal, apenas recentemente, o setor de coordenação se consolidou na instituição e tem desenvolvido um trabalho contínuo tanto no apoio pedagógico quanto na orientação da adaptação dos conteúdos.

Foram citados ainda pelos docentes da rede municipal: a falta de tempo para se dedicar ao aluno (citada em 2 grupos); a falta de apoio dos pais (citada por 3 grupos); ausência de

equipamentos e materiais (mencionado 2 vezes); e a dificuldade de identificar as potencialidades dos alunos, (citada por 3 grupos).

Na rede estadual, 2 grupos citaram a falta de envolvimento entre professores regentes e professores de apoio. Na mesma frequência foi citada a dificuldade em realizar a avaliação, a falta do envolvimento de outros profissionais na escola e também, a dificuldade em reconhecer as potencialidades do aluno, igualmente citada pelos docentes da rede municipal.

Ao considerarmos todas as dificuldades apresentadas, podemos observar que elas estão diretamente relacionadas umas às outras, independente da rede de ensino ou do número de vezes que foram citadas.

A adaptação de conteúdos e atividades é hoje o maior desafio para os docentes, principalmente para os que atuam no Ensino Fundamental 2, Ensino Médio e Educação de Jovens e Adultos. Tal dificuldade pode estar relacionada ao fato de o tempo de duração das aulas ser limitado se comparado à necessidade destes alunos, uma vez que, na maioria das vezes, estes estão inseridos em salas numerosas, se comparado à primeira etapa do Ensino Fundamental. Já na Educação Infantil e Ensino Fundamental 1, a agitação dos alunos, as dificuldades de aprendizagem existentes e a grande dependência que a turma tem do professor faz com que, nem sempre se consiga dar aos alunos com deficiência, a atenção necessária. Lacuna esta que, frequentemente, acaba suprida apenas pelo professor de apoio.

Tais fatores corroboram com as outras dificuldades mencionadas, como a falta de tempo para se dedicar ao aluno, uma vez que na maioria das vezes, as salas possuem um número expressivo de alunos; a dificuldade para reconhecer suas potencialidades e limites dos educandos, pois devido à dinâmica da sala de aula, o tempo torna-se escasso e com isso, faltam oportunidades para dialogar com o professor de apoio.

Prática esta que não acontece frequentemente nos momentos de reunião, uma vez que não está previsto ações tão direcionadas a estes profissionais, e que poderia contribuir para amenizar muitos dos obstáculos apresentados. Tal resultado indica também a necessidade do poder público e do gestor escolar prepararem o tempo para que o professor regente e o de apoio possam planejar juntos.

Além disso, a escola tem assumido muitas funções que antes eram exercidas pela família, conforme foi afirmado pelos professores durante as discussões geradas através da dinâmica. De acordo com as manifestações dos participantes, a ausência dos pais como parceiros

na aprendizagem e desenvolvimento dos filhos, sejam eles alunos com deficiência ou não, está sendo muito sentida pelo grupo, que muitas vezes não veem uma continuidade de seu trabalho em casa.

A falta de apoio pedagógico dentro da própria instituição de ensino também foi citada pelos docentes, que sentem-se “perdidos” diante da ausência da família e inseguros quanto às formas de trabalhar, estimular, avaliar e incluir o aluno. Sendo assim, é importante considerarmos o papel do gestor e coordenador, responsáveis por liderar a equipe, firmar parcerias e fornecer apoio pedagógico necessário, provendo incrementos necessários para que o ambiente escolar seja de fato inclusivo, e isto seja sentido dentro da sala de aula, por todos os envolvidos.

E junto a este obstáculo associa-se à falta de envolvimento de outros profissionais na escola, também mencionada durante a intervenção. Apesar de muitos possuírem alguma formação relacionada à educação inclusiva, é urgente a necessidade de a escola firmar parcerias com outros profissionais, para que estes possam sanar dúvidas, orientar, e até mesmo colaborar com o desenvolvimento do próprio aluno. Uma responsabilidade que cabe aos governantes, através da concretização de políticas públicas, e que na maioria das vezes, acaba ultrapassando as possibilidades de trabalho dos gestores escolares, que não se eximem deste desafio e buscam distintas formas de apoio e parcerias.

Apesar de tantos entraves serem citados, durante as discussões, os próprios professores perceberam que muitos destes problemas poderiam ser sanados, ou pelo menos amenizados, dentro da própria escola.

Dentre as possíveis soluções apresentadas por eles estão: a aquisição de mais materiais de apoio ao aluno, através das verbas governamentais que chegam até a escola; realização de capacitações, previsto nos Plano Decenal do Município; maior interação entre professor regente e professor de apoio, planejando melhor os momentos de reuniões mensais; incentivo à participação da família, criando parcerias e ganhando a confiança da mesma; mais informações sobre o aluno, através do Plano de Desenvolvimento Individual elaborado pela equipe escolar em parceria com a família, que é quem melhor conhece o discente; apoio pedagógico constante e orientações na adaptação dos conteúdos; funcionamento efetivo da sala recurso, desenvolvimento de atividades interdisciplinares e envolvimento de outros profissionais na escola através de parcerias, e que também se constituem como uma importante política pública no âmbito educacional.

Ações estas que podem ser compartilhadas entre professores e gestores, como Secretários de educação, diretor e coordenador, para que a inclusão ocorra de fato no ambiente escolar, e as oportunidades de aprendizagem sejam oferecidas de forma análoga a todos os alunos.

Em todas as etapas da intervenção, apesar do receio inicial demonstrado pelos presentes, as discussões levantadas foram muito pertinentes à realidade enfrentada pelos docentes em sala de aula.

Por este motivo, as sugestões apontadas pelos participantes, mediante as dificuldades expostas, foram organizadas em um quadro apresentado à equipe gestora das escolas, tanto municipal quanto estadual, para que fosse feita uma reflexão acerca das informações colhidas durante a intervenção e assim, medidas pudessem ser tomadas e prol do desenvolvimento dos alunos.

Assim, como etapa final desta intervenção, apresentei aos gestores das redes municipal e estadual, as informações obtidas, e compiladas em um quadro resumo (Apêndice 3), para que pudessemos, juntos, analisarmos e refletirmos sobre o processo de inclusão vivenciado por estas escolas.

O responsável pela rede municipal de ensino atendeu-me alguns dias depois da aplicação da dinâmica com os docentes, no dia 4 de abril de 2019, e o diretor da escola estadual no dia seguinte.

Em ambos os dias, destaquei o foco do trabalho desenvolvido e a forma como estas informações poderiam contribuir para que as escolas venham a repensar suas práticas escolares e busquem subsídios para que desenvolvam uma aprendizagem efetivamente inclusiva.

Ambos os gestores, por também por possuírem licenciatura e terem uma vasta experiência no magistério, não se surpreenderam com os resultados obtidos. Contudo, mostraram-se preocupados, uma vez que muitos dos entraves apresentados poderiam ser sanados através da própria prática docente, da busca por apoio dentro da própria escola e através do diálogo entre os próprios docentes, docentes e professores de apoio, docentes e direção/supervisão.

O diretor José Moreira², da rede estadual enfatizou a importância das capacitações dentro da própria escola, utilizando a carga horária cumprida na escola, as reuniões de Módulo II, os cursos online divulgados pela Secretaria Estadual de Educação, mas ressalta a burocracia na

²Atribuímos nomes fictícios a todos os gestores aqui citados.

rede em que atua em contratar outros profissionais. Para isso, o caminho mais rápido seria através de parcerias dentro do próprio município.

Já Antônio Resende, responsável pela escola municipal, também destacou a necessidade de capacitações dentro da escola, como em momentos de reuniões. Reconheceu essa lacuna e mostrou-se bastante solícito em desenvolver ações com este foco, até mesmo através da parceria entre as duas redes de ensino, uma vez que dividem o mesmo espaço físico, e com outros profissionais que atuam em setores diversos do município, como psicólogos, fonoaudiólogos, fisioterapeutas, médicos, entre outros.

Em relação à adaptação dos conteúdos, os gestores tiveram posturas similares, uma vez que este é um grande desafio para todos os professores. Mas sublinharam o papel da supervisão/coordenação pedagógica neste momento. O gestor municipal propôs criar momentos entre a coordenação e pequenos grupos de professores para que tenham esse suporte pedagógico.

Na rede municipal, outros obstáculos foram destacados, contudo Antônio Resende foi firme ao falar da necessidade do professor buscar conhecer seus estudantes, sejam eles alunos da educação especial ou não, o que reforça a importância de reconsiderar as formas de interação existentes entre todos os segmentos da escola, conforme já foi destacado por Glat e Blanco (2007) no início deste trabalho.

Este fato avigora o papel de articulador exercido pelo gestor escolar. E isso pode ser feito através do diálogo com outros professores, que vivem desafios semelhantes ou que já possuem elos mais fortes na escola; com a família, que muitas vezes também precisa de apoio e atenção diante das dificuldades enfrentadas com o filho; e da atenção que independentemente do número de alunos, deve ser dada a todos.

Antônio Resende destacou ainda que poucos são os professores que procuram conhecer as pastas dos alunos, os Planos de Desenvolvimento Individual ou relatórios anteriores. Entretanto, em nossa compreensão, estes poderiam ser apresentados ao início do período letivo pela coordenação pedagógica da escola ao corpo docente, como também, rediscutidos ao longo ano.

Em relação à queixa quanto à falta de materiais e equipamentos, o gestor esclareceu que muitos docentes ainda possuem certo receio em procurar a equipe pedagógica e falar destes materiais, que por sua vez, existem na escola e ficam disponíveis para uso na Sala Recurso, além de outros que constituem este ambiente, sala esta que pertence ao município e é compartilhada pela

rede estadual, indicando assim a necessidade de momentos para apresentar os materiais e até mesmo explicar sobre sua utilização aos profissionais das duas redes de ensino.

O gestor estadual José Moreira também foi claro quanto a importância do professor conhecer seus alunos, sua realidade, sua família, seus documentos como o Plano de Desenvolvimento Individual, e também, procurar dialogar com os professores de outras áreas e com os professores de apoio. Compartilhar essas inseguranças pode contribuir para que estas sejam amenizadas ou até mesmo sanadas. E isso acontece frequentemente, não apenas no momento de adaptar conteúdos, mas também no momento de avaliar, identificando os avanços alcançados pelo discente. Neste momento, esta relação dialógica entre todos é fundamental.

Ambos os gestores demonstraram estarem dispostos a promover outras discussões em torno da educação inclusiva nas escolas, e reconhecem o desafio do educador em promover a verdadeira inclusão diante da realidade em que lecionam: salas cheias, grande diversidade de alunos em diferentes níveis de aprendizagem, a sobrecarga de trabalho, pois muitos lecionam em duas ou mais escolas, e muitos outros.

As palavras de Carvalho (2008), vão ao encontro da discussão realizada com professores e gestores:

A inclusão no espaço escolar além das ações de ensino aprendizagem circunscritas à escola, pressupõe mudanças em inúmeros aspectos, dentre os quais: a acessibilidade física e atitudinal; a melhoria da qualidade na formação dos professores (inicial e continuada); revisão do papel político-social da escola, particularmente no mundo “globalizado”; previsão e provisão de recursos humanos, físicos, materiais e financeiros; valorização do magistério; vontade política para reverter as condições materiais de funcionamento das escolas brasileiras; e uma rede de suporte ao professor, aos alunos e a seus familiares. (CARVALHO, 2008, p.100)

Deste modo, o papel do gestor exige uma grande versatilidade, pois cabe a ele articular e integrar as ações inclusivas na escola, agindo com discernimento na superação das adversidades que venham a surgir diante do trabalho docente, da gestão participativa, do relacionamento família-escola-aluno.

Portanto, cabe destacar que o maior desafio é fortalecer o trabalho coletivo, reconhecendo a importância que cada um possui na concretização de uma escola inclusiva. É válido enfatizar, por exemplo, que a aquisição de materiais não é responsabilidade do professor, por isso é fundamental buscar junto a gestão da escola subsídios para que a prática pedagógica possa ser desenvolvida em consonância com as necessidades dos alunos, identificando suas potencialidades,

dificuldades, bem como sua realidade familiar, ações que podem contribuir bastante para o reconhecimento da identidade destes estudantes.

Assim, como é função da coordenação/ direção mobilizar os professores, criando horários e reuniões para formação e discussão, fato que, de acordo com os relatos, não sobrevém na rede municipal, e que carece ser aperfeiçoado na escola da rede estadual.

Tais momentos podem também ser utilizados para a apresentação dos recursos pedagógicos inclusivos disponíveis nas escolas, com a criação de oficinas sobre sua utilização, trocas de experiências, entre outros. Da mesma forma que podem ser sugeridas novas aquisições, por exemplo, por meio de uma “Caixa de sugestões”, atendendo às reais necessidades dos alunos identificadas pelos docentes.

A gestão escolar deve proporcionar ainda, juntamente com a coordenação, o apoio pedagógico necessário, sugerindo novas abordagens para o trabalho da equipe, responsabilidade esta compartilhada com o poder público, diante das capacitações, formações continuadas e outros instrumentos formadores. Reconhecer a corresponsabilidade contribui muito para que todos se envolvam na superação das dificuldades e o ambiente educativo se torne inclusivo, e contribua de fato para a aprendizagem.

Portanto, é urgente que a escola ressignifique suas funções políticas, sociais e pedagógicas, para atender as reais necessidades de todos os agentes do processo educativo, de forma democrática, participativa e de fato inclusiva.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao realizar este estudo, busquei identificar e compreender os principais desafios encarados por professores e gestores na educação inclusiva. Para isso, foi indispensável também conhecer melhor os participantes deste processo, sua formação, inseguranças, bem como ouvir seus receios e aspirações.

Porém, assim como a educação inclusiva é um desafio, discuti-la também não é uma tarefa fácil, uma vez que muitos docentes, conforme relato ao longo deste trabalho, retraíram-se, não pelo fato da inclusão em si, mas por receio de terem suas práticas pedagógicas julgadas ou exteriorizadas.

Não há como negar que a educação inclusiva percorre um caminho bastante sinuoso, com muitos obstáculos, expostos pelos docentes, e reconhecidos pelos gestores, tanto no que diz respeito à prática e apoio pedagógico; adaptação dos conteúdos; materiais; envolvimento de outras instituições, como por exemplo, a família; e o reconhecimento do aluno com deficiência, inserido em turmas numerosas de escolas regulares, como as que proveram os dados para esta reflexão.

Contudo, todos estes desafios vão ao encontro do papel que deve ser desempenhado pelos gestores, assim como pelo poder público, ao pensarmos em instâncias superiores.

É fundamental que todos se reconheçam como parte de uma escola inclusiva e busquem elementos para que o aluno consiga vencer suas limitações e expandir suas capacidades de diálogo e vivência em sociedade.

A escola é uma organização viva e distinta, e demanda relacionamentos constantes entre os vários agentes do processo educativo, para que não apenas o professor carregue consigo esta responsabilidade.

Para isso, o gestor escolar deve atuar como o articulador entre os agentes do processo educativo, compreendendo que é imprescindível uma gama de ações pedagógicas que favoreçam a construção de um ambiente inclusivo, pautado na democracia e no respeito às diferenças.

É urgente a criação de espaços e momentos de discussão para que todos os participantes deste processo possam compartilhar seus pensamentos, aspirações, vivências e buscar apoio para o desenvolvimento de um trabalho mais direcionado às necessidades educacionais dos alunos, sejam eles com ou sem deficiência.

O desafio não está somente no material pedagógico (ou na falta dele), mas em como utilizá-lo; não está em inserir o aluno na sala de aula, mas em como incluí-lo no processo de ensino-aprendizagem; não apenas em ter junto ao aluno, um professor de apoio, mas em como reconhecer as potencialidades desde discente e fornecer a ele a autonomia necessária para uma vida em sociedade.

É impossível fazer estas reflexões sem considerar a responsabilidade que o gestor escolar compartilha com o Poder Público, que deveria oferecer subsídios para que os docentes, através de melhores condições de trabalho e formação continuada; associados às família e discentes, também com estrutura nas áreas da saúde, social e econômica, caminhem lado a lado na concretização coletiva de uma escola inclusiva.

Não há melhor definição para o que foi exposto até aqui, a não ser utilizando a reflexão feita por Mantoan (2013, p.40) em relação ao chamamento feito pela educação inclusiva “para que sejam revistas as direções em que estamos alinhando nosso leme, na condução de nossos papéis como cidadãos, educadores, pais. Precisamos sair das tempestades, destes tempos conturbados, perigosos, e a grande virada é decisiva.”

Virada esta que se inicia com cada um de nós, educadores, gestores, pais e comunidade. Muito já foi feito em relação à educação inclusiva até aqui, mesmo que de forma lenta, gradativa e com muitos percalços. Porém, discutir, refletir e agir baseados na inclusão permanece como uma pauta urgente não apenas dentro das escolas, como também em outros setores da sociedade, para que todos estejam comprometidos com este processo, e contribuam para a formação plena destes indivíduos.

7. REFERÊNCIAS

BEYER, O. H. **Da integração escolar a educação inclusiva: implicações pedagógicas.** In: BAPTISTA, C. et al. (Orgs.). *Inclusão e escolarização: múltiplas perspectivas.* Porto Alegre: Mediação, 2006.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Resumo Técnico: Censo da Educação Básica 2018** [recurso eletrônico]. – Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2019. Disponível em: <<http://inep.gov.br/web/guest/censo-escolar>>. Acesso em: 10 abr. 2019.

_____. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, nº Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.** Brasília: Ministério da Educação. Imprensa Oficial, 1996.

_____. CNE. CEB. **Resolução n. 2, de 11 de setembro de 2001,** que institui as Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica. Brasília: 2001. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CEB0201.pdf>>. Acesso em: 18 abr. 2019.

CARVALHO, Rosita Edler. **Escola inclusiva: a reorganização do trabalho pedagógico.** Porto Alegre: Mediação, 2008.

GLAT, Rosana. BLANCO, Leila de M. V. **Educação Especial no contexto de uma Educação Inclusiva.** In: GLAT, Rosana (org.). *Educação Inclusiva: cultura e cotidiano escolar.* (Coleção Questões atuais em Educação Especial, v. VI), Editora Sete Letras, p. 19-39, Rio de Janeiro, 2007.

MANTOAN, Maria T. E. **Inclusão escolar: o que é? por quê? como fazer?** São Paulo: Moderna, 2003.

_____, Maria T. E. **O desafio das diferenças nas escolas.** 5.ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

_____, Maria T. E; PRIETO, Rosângela G. **Inclusão escolar: pontos e contrapontos.** 4. ed. São Paulo: Summus, 2006.

MEIRELES, Cecília. **Escolha seu sonho.** São Paulo: Global Editora, 2016.

NEVES, C. M.de C. **O projeto pedagógico da escola na Lei de Diretrizes e Bases.** In: SILVA, E.B. (Org.). *A educação básica pós-LDB.* São Paulo: Pioneira, 1998.

TEZANI, Thaís Cristina Rodrigues. A relação entre gestão escolar e educação inclusiva: o que dizem os documentos oficiais? **Revista online de Política e Gestão Educacional**, n. 6, jan. 2009. Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/rpge/article/view/9249/6131>>. Acesso em: 21 abr. 2019.

_____, Thaís Cristina Rodrigues. **Gestão escolar: a prática pedagógica administrativa na política de educação inclusiva. Educação (UFSM)**, Santa Maria, p. 287 - 302, out. 2010. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/view/2078/1253>>. Acesso em: 21 abr. 2019.

APÊNDICE

1. QUESTIONÁRIO

DIAGNÓSTICO DOCENTE			
Tempo de atuação na educação:			
<input type="checkbox"/> menos de 5 anos	<input type="checkbox"/> 5 a 10 anos	<input type="checkbox"/> mais de 10 anos	
Possui alguma formação ligada a Educação Especial? (Especialização, capacitação, etc).			
<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Estou cursando	<input type="checkbox"/> Não	
Em sua opinião, o atendimento que a escola oferece aos alunos com deficiência é:			
<input type="checkbox"/> Excelente	<input type="checkbox"/> Bom	<input type="checkbox"/> Regular	<input type="checkbox"/> Ruim
Você se sente preparado para trabalhar com alunos com deficiência?			
<input type="checkbox"/> Muito	<input type="checkbox"/> Pouco	<input type="checkbox"/> Nada preparado	
Você desenvolve práticas inclusivas em sala de aula (ou na sua disciplina)?			
<input type="checkbox"/> Sempre	<input type="checkbox"/> Às vezes	<input type="checkbox"/> Nunca	
Se sim, possui facilidade em adaptar seu conteúdo?			
<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não	<input type="checkbox"/> às vezes	
Você considera o Atendimento Educacional Especializado (prof. de apoio, sala recurso) oferecido aos alunos com deficiência nesta escola:			
<input type="checkbox"/> Muito eficiente	<input type="checkbox"/> Pouco eficiente	<input type="checkbox"/> Nada eficiente	
Qual a avaliação que faz da escola no que tange a Educação Inclusiva (considere a escola como um todo – parte física e todos os profissionais que nela atuam):			
<input type="checkbox"/> Excelente	<input type="checkbox"/> Boa	<input type="checkbox"/> Razoável	<input type="checkbox"/> Ruim

2. ORIENTAÇÕES PARA A REALIZAÇÃO DA DINÂMICA

Dinâmica – O que vejo pela janela

A dinâmica consistiu em:

- Dividir os professores em grupos.
- Entregar para os grupos o texto de Cecília Meirelles e deixar que leiam com atenção
- Pedir que contextualizem o texto em relação a escola e a inclusão.
- Após as falas entregar para os grupos 2 folhas de papel coloridas, representando as janelas.
- Pedir que em um coloquem o que veem de desafio e na outra o que percebem que poderia ser feito para superar tal desafio (ligado aos professores e gestão)
- Ao final pedir que compartilhem com todos.

3. QUADRO CONSOLIDADO – ELABORADO APÓS A DINÂMICA

Esfera	Dificuldade enfrentada	Solução ligada ao professor	Solução ligada a direção	Solução ligada a outros
Municipal	Adaptação dos conteúdos, atividades e materiais.	Diálogo entre regente e apoio, regente e regente, regente e coordenação.	Capacitações.	Palestras com diferentes profissionais.
	Falta de apoio pedagógico.	Maior envolvimento professor e coordenação.	Utilização do Módulo II para momentos de trocas, diálogos, etc.	-
	Falta de capacitações na escola.	Buscar mais oportunidades de conhecimento, como cursos.	Promover parcerias e desenvolver ações como palestras, cursos, oficinas. Utilizar as reuniões de módulo II.	-
	A falta de tempo para se dedicar ao aluno.	-	Salas menos numerosas.	-
	Falta de apoio dos pais.	Buscar outras formas de comunicação com a família.	Reuniões frequentes entre gestão, pais e professores.	Maior participação dos pais na vida do aluno.

Municipal	Ausência de equipamentos e materiais.	Criação e adaptação de materiais e trocas com colegas.	Aquisição de mais materiais.	-
	Dificuldade de identificar as potencialidades dos alunos.	Maior diálogo com a família e professor de apoio, professores anteriores.	Elaboração do PDI, atualizando-o constantemente com a participação dos professores e coordenação.	Maior participação dos pais na vida do aluno.

Esfera	Dificuldade enfrentada	Solução ligada ao professor	Solução ligada a direção	Solução ligada a outros
Estadual	Adaptação dos conteúdos, atividades e materiais.	Diálogo entre regente e apoio, regente e regente, regente e coordenação.	Capacitações.	Palestras com diferentes profissionais.
	Falta de capacitações na escola.	Utilizar os plantões para realizar cursos online, pesquisas relacionadas à deficiência do aluno.	Utilizar os momentos de módulo II para juntos discutir ações; compartilhar mais cursos gratuitos.	Buscar parcerias com outros profissionais, para palestras, mini cursos, oficinas.
	Falta de envolvimento entre professores regentes e professores de apoio.	Momentos de diálogo e trocas de informações e conhecimentos.	Aproveitar melhor os momentos de módulo II.	-
	Dificuldade em realizar a avaliação.	Envolvimento apoio e regente e regente x regente.	Aproveitar melhor os momentos de módulo II.	-
	Dificuldade em reconhecer as potencialidades do aluno.	Maior diálogo com a família e professor de apoio,	Elaboração do PDI, atualizando-o constantemente com a	Maior participação dos pais na vida do aluno.

Estadual		professores anteriores.	participação dos professores e coordenação.	
	Falta do envolvimento de outros profissionais na escola.	Sugerir ações ligadas a estes profissionais.	Criar parcerias e momentos como palestras, rodas de conversa, oficinas.	Estabelecer parcerias com psicólogos, médicos, fisioterapeutas, fonoaudiólogos, etc.

ANEXO

A arte de ser feliz

Houve um tempo em que a minha janela se abria para um chalé. Na ponta do chalé brilhava um grande ovo de louça azul. Nesse ovo costumava pousar um pombo branco. Ora, nos dias límpidos, quando o céu ficava da mesma cor do ovo de louça, o pombo parecia pousado no ar. Eu era criança, achava essa ilusão maravilhosa e sentia-me completamente feliz. Houve um tempo em que a minha janela dava para um canal. No canal oscilava um barco. Um barco carregado de flores. Para onde iam aquelas flores? Quem as comprava? Em que jarra, em que sala, diante de quem brilhariam, na sua breve existência? E que mãos as tinham criado? E que pessoas iam sorrir de alegria ao recebê-las? Eu não era mais criança, porém a minha alma ficava completamente feliz.

Houve um tempo em que minha janela se abria para um terreiro, onde uma vasta mangueira alargava sua copa redonda. À sombra da árvore, numa esteira, passava quase todo o dia sentada uma mulher, cercada de crianças. E contava histórias. Eu não podia ouvir, da altura da janela; e mesmo que a ouvisse, não a entenderia, porque isso foi muito longe, num idioma difícil. Mas as crianças tinham tal expressão no rosto, a às vezes faziam com as mãos arabescos tão compreensíveis, que eu participava do auditório, imaginava os assuntos e suas peripécias e me sentia completamente feliz.

Houve um tempo em que a minha janela se abria sobre uma cidade que parecia feita de giz. Perto da janela havia um pequeno jardim seco. Era uma época de estiagem, de terra esfarelada, e o jardim parecia morto. Mas todas as manhãs vinha um pobre homem com um balde e em silêncio, ia atirando com a mão umas gotas de água sobre as plantas. Não era uma rega: era uma espécie de aspersão ritual, para que o jardim não morresse. E eu olhava para as plantas, para o homem, para as gotas de água que caíam de seus dedos magros e meu coração ficava completamente feliz.

Mas, quando falo dessas pequenas felicidades certas, que estão diante de cada janela, uns dizem que essas coisas não existem, outros que só existem diante das minhas janelas e outros, finalmente, que é preciso aprender a olhar, para poder vê-las assim.

Cecília Meireles, no livro “Escolha seu sonho”.